

# SARTRE, FAULKNER E A TÉCNICA LITERÁRIA COMO EXPRESSÃO DO HUMANO

## SARTRE, FAULKNER AND THE LITERARY TECHNIQUE AS EXPRESSION OF THE HUMAN BEING

Jackson Valentim Bastos<sup>1</sup>

1. Professor na Universidade Sagrado Coração (USC). Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Email: cksnvb@gmail.com.

BASTOS, Jackson Valentim. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.

### RESUMO

O objetivo deste texto é mostrar como a crítica literária de Sartre se configura no debate da contemporaneidade e serve de pretexto para propagar sua filosofia e romper com algumas noções tradicionais a respeito do humano. A reflexão se desenvolve em torno da análise sartreana à produção literária do escritor estadunidense William Faulkner, identificando em seu estilo formal uma espécie de metafísica do humano. Essa interpretação serve de pretexto para que Sartre deixe transparecer alguns aspectos imprescindíveis que são recorrentes em seu pensamento e que fazem menção à sua concepção de homem. Ademais, revela como o caráter fatalista dos personagens de Faulkner é insustentável do ponto de vista da filosofia sartreana.

**Palavras-chave:** Filosofia; literatura; existência; determinismo; liberdade.

Recebido em: 18/01/2011  
Aceito em: 13/07/2011

## ABSTRACT

The purpose of this work is to show how Sartre's literary critic can set itself into debate of contemporary and its pretext to propagate his philosophy and to break with some traditional notions about the human being. The reflection develops around the Sartrean analysis to literary production of U.S. writer William Faulkner, identifying in its formal style, a kind of metaphysics of the human. This interpretation serves as a pretext for Sartre let transpire some essential aspects that are recurrent in his thinking and make mention of his conception of man. Moreover, it shows how the Falkner's fatalistic characters are unsustainable from the point of view of Sartrean philosophy.

**Keywords:** Philosophy; literature; existence; determinism; freedom.

## 1 Introdução

O século XX apresenta, entre vários debates e a exemplo de épocas anteriores, relevantes contribuições para a noção de sujeito, ou a concepção de humano. O nome de Sartre aparece como um daqueles intelectuais, em cujas obras esse debate aparece como algo fundamental em seu pensamento. Seja em suas obras de teor filosófico, seja em suas obras romanescas e dramatúrgicas, o humano é moldado como um tipo de ser que traz em si a marca da fragmentação em um universo de possibilidades, e não mais a condição necessária de viver à sombra de uma entidade absoluta. Ele está diante de sua finitude, deve reconhecer-se em relação com suas limitações e ainda assim se responsabilizar pelo tipo de mundo a ser instaurado, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo. Seja nas ações políticas, seja na repercussão de suas obras artísticas, ou ainda na complexidade de sua filosofia, o nome de Sartre se configura no debate com a tradição e na elaboração de propostas interpretativas da condição humana, que resultam, por exemplo, na configuração da sua filosofia da existência.

Sua produção literária romanesca, dramatúrgica e filosófica aponta para a necessidade da reflexão sobre a condição da existência humana, muitas vezes definida como absurda por vários pensadores contemporâneos, classificados como representantes de uma filosofia existencialista. A descrição sartreana da condição humana revela, em seus vários aspectos, meandros de sua concepção ontológica do ho-

BASTOS, Jackson Valentin. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.

BASTOS, Jackson Valentin. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.

mem, com forte influência no modo como este se relaciona consigo mesmo e com o mundo.

## 2 O fatalismo de Faulkner

O diálogo de Sartre com os pensadores contemporâneos o leva a produzir um ensaio em 1939, intitulado “Sobre *O som e a fúria*: a temporalidade em Faulkner”, no qual ele analisa algumas características da escrita do romancista norte americano William Faulkner, e, mais especificamente, a concepção de humano que este expressa através de seus personagens. Apesar da admiração que Sartre demonstra por esse autor, é evidente sua opinião de desagrado com o caráter de seus personagens. Geralmente, estes são construídos em meio a histórias situadas em uma realidade cercada de um fatalismo determinante de seus destinos, uma presença quase inoperante de suas ações. O futuro de tais personagens é, por consequência, limitado em suas possibilidades de mudanças e concretizações de planos ou sonhos. Configura-se um mundo restrito, com poucas esperanças de mudanças, transformações, de dimensões reduzidas, já que a própria construção que cada personagem faz de si cerceia o âmbito das ações que constroem o mundo interno de cada um. A amplitude reduzida, a ausência de crença na possibilidade de cada um deles modificar a construção de si mesmo, redirecionar suas vivências, já é um fator limitador da visão de mundo que possuem.

Se, por um lado, Sartre acusa a obra de Faulkner de mostrar um tipo de humano caracterizado por uma esteticidade decadente de vida, contemplativa, bloqueada, por outro lado, ele elogia Faulkner pela esmera utilização de uma técnica de escrita não linear, na qual não há necessariamente uma sequência determinante de intrigas, de acontecimentos, ou seja, um episódio não depende sequencialmente do outro. Embora não haja um núcleo de ação como nos romances clássicos, isso não caracteriza uma anomalia ou uma virtuosidade gratuita. Essa é uma marca constante nas obras de Faulkner e, de algum modo, se afasta de uma estética aristocrática, de uma beleza clássica, e delineia bem o estado do homem contemporâneo no século XX, que longe de ser descrito por uma estrutura literária ortodoxa, expressa a sua condição de vida por meio da confusão e entrelaçamento dos fragmentos dos acontecimentos, de suas memórias, de seus desejos e sentimentos. A técnica não linear se encaixa perfeitamente no decorrer de suas obras, como que propositalmente, para

narrar a saga a respeito da decadência de uma família aristocrática do sul dos Estados Unidos. É a própria fragmentação das histórias de seus personagens que narra a fragmentação de suas relações, consigo mesmos, com seus familiares e com o universo regional em que estão inseridos. O enfraquecimento de seus estados psíquicos ocorre concomitante ao enfraquecimento de seu *status quo* familiar e social, e nada é capaz de deter a tragédia óbvia perante uma nova realidade que se avoluma e encobre suas vidas. O que há de contemporâneo nesse enredo que Faulkner descreve? A tragédia? Provavelmente não, mas se há algo que seja digno de ser referenciado, é a perfeita adequação de sua técnica que privilegia a constituição de um presente catastrófico por essência, impregnado pelos acontecimentos do passado, e ao mesmo tempo privado de um futuro, pois não há nada que venha ao seu encontro para transformá-lo ou até mesmo redimi-lo, e nas histórias de seus personagens não há motivos explícitos que possibilitem isso.

A técnica literária de Faulkner está a pleno serviço da caracterização desses personagens, de suas histórias, de suas realidades, e Sartre demonstra um interesse especial pela mesma, porque ela é o resultado da expressão de uma concepção metafísica do tempo que o autor utiliza para desenhar a imagem e a trajetória desses personagens que desembocam em uma realidade de mundo contemporâneo, como uma contemporaneidade trágica e impreterivelmente inevitável. Essa técnica trata de evidenciar a concepção própria que Faulkner tem do homem, como um ser determinado pelo passado, um ser da *não ação*, que se deixa levar pelo infortúnio que se abate sobre ele em um prenúncio dos novos tempos que aproximam inevitavelmente. Qualquer tipo de ação é mera aparência e ineficaz para libertar esse homem de seu estado inoperante, disperso em sua realidade própria de mundo. É a impossibilidade de ter um papel de agente no processo de constituição de sua realidade, ou a própria castração da possibilidade de um futuro constituinte de uma realidade diferente. Segundo Sartre (2005a, p. 94): “O presente não foi inicialmente uma possibilidade futura, como quando meu amigo finalmente aparece depois de ter sido *aquele por quem espero*.” Há algo de obsoleto nessa noção de humano, que impede a geração de quaisquer tipos de movimentos para a produção de acontecimentos que conduzam para um estado de ser diferente, para um momento de constituição das possibilidades, e que venha romper com a solidez da tragédia anunciada. Não há um ímpeto para desbloquear o que poderia ser um horizonte de expectativas, no sentido mais estrito, porque aqueles

BASTOS, Jackson Valentim. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.

BASTOS, Jackson Valen-  
tim. *Sartre, Faulkner e a  
Técnica Literária como  
Expressão do Humano*.  
Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1,  
p. 19-28, 2011.

significados rigidamente fundamentados anteriormente se perpetuam. É o que Sartre sugere quando afirma que

Em *O Som e a Fúria* tudo se passa nos bastidores: nada acontece, tudo aconteceu. É isso que permite compreender esta estranha formulação de um dos heróis: “Eu não sou, eu era”. E é também assim que Faulkner pode fazer do homem um total sem porvir: “soma de suas experiências climáticas”, “soma de seus infortúnios”, “soma do que se tem”: passa-se um traço a cada instante, já que o presente não é nada mais que um rumor sem lei, um futuro passado. (SARTRE, 2005a, p. 95)

O futuro deixa de ser considerado como um âmbito do possível, enquanto um espaço aberto para a exploração dos empreendimentos humanos e passa a ser caracterizado pelo fatalismo. Um exemplo é aplicado a uma das personagens de Faulkner, na obra *O som e a fúria*, chamada Quentin, cujo suicídio se mostra presente desde sempre e não poderia deixar de acontecer, ainda que se pretendesse perscrutar essa possibilidade nas entrelinhas. Segundo Sartre (2005a, p. 98): “O futuro suicídio que projeta sua sombra espessa sobre o último dia de Quentin não é uma possibilidade humana; em nenhum momento Quentin pensa que poderia não se matar.” A tragédia se evidencia muito mais na maneira como Faulkner faz uso dessa temporalidade paralisante que constitui a personagem, do que no ato do suicídio, já que esse é um tema até corriqueiro na história da literatura. O ato suicida não é novidade alguma, mas a noção de temporalidade conferida à técnica que descreve essa e outras personagens é muito mais relevante na obra do autor. Essa temporalidade constituinte do homem aponta para uma ausência da intuição de futuro na obra do autor e revela o aspecto da duração como representante da continuidade do infortúnio que não pode cessar na realidade humana, pois não há um futuro que interrompa o ciclo. O que tomamos por base de tal indicação é a afirmação de que “O homem passa a sua vida lutando contra o tempo e o tempo corrói o homem como um ácido, arranca-o de si mesmo e o impede de realizar o humano.” (SARTRE, 2005a, p. 99) Mas o que não se realiza é a concepção sartreana de humano, já que a estética literária de Faulkner é uma escolha intencional e alcança o objetivo de refletir em seus personagens a realização da condição trágica do homem contemporâneo. A maneira de propagar essa condição incomoda Sartre e ele critica os personagens de Faulkner por representarem a noção de humano como um ser que é vítima de um presente perpétuo, o que, em sua opinião, não deve ser aplicado ao homem, mas às coisas concretas, por serem naturalmente cindidas e incapazes de se projetarem além

de si mesmas, por si mesmas. Esses personagens não têm porque se projetar adiante, pois isso requer um âmbito de ação que se pauta na possibilidade, a qual eles não enxergam, por serem pessoas predispostas ao fatalismo.

### 3 A existência em Sartre

A preocupação em questionar e mesmo em construir uma noção de humano pode ser percebida, não apenas nesse ensaio direcionado a Faulkner, mas no decorrer de toda a trajetória das obras de Sartre. Os seus escritos filosóficos, suas narrativas literárias, o seu *teatro de situações*, expressam implícita ou explicitamente uma preocupação, a exemplo de Faulkner, com um tipo de concepção metafísica do homem, que amadurece e se amplia gradativamente junto com o todo do seu pensamento.

Em *A Idade da Razão* (2005b), os personagens de Sartre se encontram continuamente diante de circunstâncias que requerem algo deles, como a tomada de uma posição, assumir uma responsabilidade, um compromisso, seja de cunho intelectual, político ou amoroso. O que há de contrário a isso é a recusa da ação, que traz consigo implicações quanto ao isolamento, à solidão, algo muito próximo da negação da vida que sugerem, como citado anteriormente, os personagens de Faulkner. Tal recusa da ação transformadora ocorreria porque Faulkner não considera a possibilidade de o tempo poder ser um fator de rompimento, mas muito mais de continuidade de estados.

O intuito de Sartre é mostrar a correlação entre o tipo de sujeito que o homem assume para si e o tipo de mundo que se instaura em sua interioridade e no mundo ao seu redor. Considera-se aqui o aparecimento de uma ontologia, de uma reflexão que aponta para o tipo de ser que é o homem e não simplesmente o tipo de homem que cada um gostaria de ser. Não é o homem que escolhe o tipo de estrutura que dimensiona seus caracteres, mas dado que ele é internamente o tipo de estrutura que possibilita uma gama de possibilidades (mesmo considerando que a totalidade dessas possibilidades nunca venha a se efetivar), então, confere a esse homem corresponder ao tipo de ser que ele é, e se responsabilizar pelas suas atribuições. A consequência dessas considerações é pensar na noção de liberdade, tendo em vista o campo de ação do humano ou mais especificamente a possibilidade de ampliação efetiva de suas ações, cuja responsabilidade pesa sobre cada indivíduo. É na consideração do mundo concreto, na experiência da vida, que essa liberdade deve se exteriorizar e ser

BASTOS, Jackson Valentin. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.

BASTOS, Jackson Valen-  
tim. *Sartre, Faulkner e a  
Técnica Literária como  
Expressão do Humano*.  
Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1,  
p. 19-28, 2011.

uma característica peculiar à estrutura imanente do homem. (MENDONÇA, 2001).

O pano de fundo do diálogo de Sartre com Faulkner abriga a reflexão sobre o âmbito de possibilidade de instauração do humano, o que chama a atenção para a defesa de uma ética aplicada a si mesmo, em um primeiro momento, de dever consigo mesmo, mas não afastada de uma inserção nas relações intersubjetivas e das consequências geradas por essas relações. O homem contemporâneo deve livrar-se das amarras do determinismo e compreender que nada o circunscreve mais do que o próprio tipo de ser que ele é: um leque de possibilidades que se abre a partir de si mesmo.

## 4 Determinismo e liberdade

A crítica ao determinismo não deve ser confundida com uma espécie de *demonização* do passado, que é parte constitutiva do modo de ser da consciência, pois:

Quando morrer, terei sido inteiramente o meu passado; portanto, já o sou de alguma maneira, porque já o vivi. Mas não sou o meu passado porque a distância que a consciência mantém de si própria exige que eu retorne constantemente o meu ser na imanência do presente: a existência é processo marcado pela heterogeneidade porque a consciência nunca coincide consigo mesma. A cada presente, o ser da consciência é para-si, mas o passado do para-si retorna como em-si, vida substancializada. (LEOPOLDO E SILVA, 2004, p. 115).

O passado é algo que sempre se faz presente, seja por meio das lembranças, seja pela constatação ou ausência do exercício da liberdade e da responsabilidade no processo de construção e reinvenção de si mesmo. O resultado disso pode se configurar na afirmação de que, de algum modo, o homem é a medida do seu mundo? Em certo sentido sim, quando sua conduta busca administrar o horizonte de possibilidades instaurado e a necessidade de efetivação de sua existência. Sartre convoca o homem a compreender a sua responsabilidade com a auto-realização, com a adequação ao tipo de ser que ele é. Sartre não inventa um novo homem no século XX, mas conclama este a libertar-se das amarras do pensamento que favorece o determinismo, e a assumir a si mesmo como feitor de sua história. Cada um é responsável pela história que se desenrola a partir de si e em torno de si, ainda que muitas vezes fuja do alcance do indivíduo a possibilidade de ser interpretado pelo outro do modo como gosta-

ria. O outro é o espelho, mas até que ponto a imagem refletida é fiel ou distorcida? O problema do outro aparece na obra de Sartre para alertar ao fato de que a construção de si perpassa as relações com outros sujeitos. Cada indivíduo é um resultado das relações que se estabelecem consigo mesmo e com o outro.

O determinismo que congela o comportamento do indivíduo sob a influência de acontecimentos passados não tem lugar na concepção de homem defendida por Sartre, pois ele responsabiliza cada pessoa pela demanda de sua existência, como um ser de possibilidades que deve se aproximar ao máximo dos limites do horizonte temporal. O pensamento do homem se insere em um ciclo contínuo próprio à natureza da consciência, cuja temporalização garante a separação de uma dimensão propícia para a caracterização de um presente perpétuo e sem espaço para rupturas. Sem a possibilidade de rupturas o homem é notoriamente um *resultado* e não pode ser o *produto* de si mesmo, de sua história e afirmativo na história coletiva, coisas que são inadmissíveis na filosofia sartreana, pois o homem não pode mais ser uma “soma do que ele tem”, sendo que a consciência requer um lançar-se

[...] à frente de si mesma para dentro do futuro; só se pode compreender o que ela é por aquilo que ela será; ela se determina em seu ser atual por suas próprias possibilidades – é a isso que Heidegger chama ‘a força silenciosa do possível’. O homem de Faulkner, criatura privada de possíveis e que se explica somente por aquilo que fora, vocês não o reconhecerão em si mesmos. (SARTRE, 2005a, p. 99).

Sartre defende a ruptura com o modo de Faulkner ver o humano, que não pode ser sustentada, nem mesmo por uma estética literária tão admirável, e é com esse propósito que nos deparamos com seu apelo (2005a, p. 99): “Tentem apanhar suas consciências e sondá-las: verão que elas são vazias, que nelas encontrarão apenas o porvir.” Essa afirmação ocupa uma colocação central em seu pensamento: o modo de ser do homem se dá na temporalização e esta deve levar em conta a possibilidade, a ação, o porvir, porque sua consciência não é uma coisa cindida em si mesma, como nas coisas concretas, mas que está sempre em projeção para além de si. O debate que Sartre trava com a tradição e com os seus contemporâneos produz um leque amplo de reflexões, mas considera-se que, neste caso, mais do que elaborar uma crítica literária a respeito de um autor que ele admira, sua intenção principal é propagar o modo como sua filosofia da existência interpreta a condição humana e garantir um espaço de

BASTOS, Jackson Valentim. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.



BASTOS, Jackson Valentim. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.

ruptura conceitual entre o seu pensamento e aqueles que ele acredita não expressarem coerentemente essa condição. Sartre crê na necessidade de combater os resquícios conceituais da modernidade que se mostram insuficientes para fundamentar a existência humana sob o olhar da contemporaneidade. “Trocando em miúdos: doravante a filosofia não pode mais, sob pena de retrocesso, ser identificada à teoria do conhecimento.” (MENDONÇA, 2001, p. 29). A sua estratégia passa pela valorização da historicidade do indivíduo em sociedade e de aspectos mais concretos da existência humana, sem desprezar a importância da estrutura imanente.

## 5 Conclusão

Diante do que foi dito é possível afirmar que se configura no futuro e suas possibilidades, a condição para a superação do fatalismo que permeia o destino dos personagens de Faulkner, mas que este não admite em sua narrativa, pois não corresponde à realidade do universo em que tais personagens estão inseridos. Sob a perspectiva de Sartre, porém, é adequado considerar o exercício da liberdade em contraponto ao determinismo, sendo que ele estabelece certo privilégio ao âmbito do futuro, enquanto espaço da possibilidade, de construção de si mesmo, da autoria da própria história, sem desconsiderar os pontos de tensão decorrentes disso. É compreensível que o pensamento sartreano seja a expressão de uma visão contemporânea distanciada daquela manifesta por seu interlocutor, pois deve ser capaz de libertar o homem do destino trágico que cerca os personagens de Faulkner. A inserção do futuro representa uma solução plausível no esquema argumentativo de Sartre, sendo a representação do campo das possibilidades da existência humana, que surge em meio ao que pode ser chamado de uma “[...] teoria do tempo como salvação” (MENDONÇA, 2001, p. 133).

## REFERÊNCIAS

FAULKNER, William. **O Som e a fúria**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004. (Biblioteca de Filosofia).

MENDONÇA, Cristina Diniz. **O mito da resistência**: experiência histórica e forma filosófica em Sartre (uma interpretação de L'Être Et Le Néant). 2001. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-07032005-111733/>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **A idade da razão**. Tradução Sérgio Milliet. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005a.

\_\_\_\_\_. Sobre *O som e a fúria*: a temporalidade em Faulkner. In: \_\_\_\_\_. **Situações I**. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005b. cap. 8, p. 93-100.

BASTOS, Jackson Valentim. *Sartre, Faulkner e a Técnica Literária como Expressão do Humano*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 1, p. 19-28, 2011.